

## A missão em Lisboa na época contemporânea (breve apontamento)

Em pastoral de 25 de Março de 1791, apresentando o que seria conhecido como *Catecismo do Patriarcado*, o Cardeal-Patriarca D. José de Mendonça apontara já um ambiente religioso inconsistente e mesmo contrariado por um certo espírito do tempo, pouco favorável às verdades tradicionalmente consentidas. Entendia o prelado que a instrução religiosa era o seu dever mais premente, acrescentando: «e tanto com maior desvelo devemos cuidar neste ponto, tão essencial à Nossa Obrigação, quanto os miseráveis tempos, em que vivemos, nos mostram com bastante mágoa do Nosso Coração que grande parte dos Católicos, que até aqui se prezavam de ser sumamente fiéis à Crença de nossos Pais, tratam de fanatismo, e credulidade feminina a Fé dos mais Sagrados Mistérios, que o Filho de Deus Encarnado nos veio ensinar pela sua própria Boca»<sup>1</sup>.

As missões populares, levadas a cabo especialmente por religiosos, faziam-se de tempos a tempos, visando precisamente renovar a lembrança e a prática das verdades católicas. Tinham sido reforçadas em tempos pós-tridentinos e mantinham ainda alguma exuberância barroca, quer na oratória quer na cenografia. Mas encontramos-as muito mais na província do que na capital, onde tanto o aglomerado de pessoas como a controvérsia de ideias ia tornando tudo muito mais complexo. Virou o século e, naturalmente, agravou-se a questão.

---

<sup>1</sup> *Pastoral do Cardeal-Patriarca D. José II, sobre o catecismo que mandou fazer*. Lisboa, Biblioteca da Ajuda, Manuscritos, cota 54-VI-14, n.º 16. Transcrita por Filipe Folque de Mendonça – *O Cardeal-Patriarca D. José de Mendonça e a encomenda de obras artísticas (1780-1808)*. Dissertação de mestrado em História da Arte. Lisboa: Universidade Lusíada, 1999, p. 154. Dactilografada. Actualizo sempre a ortografia. Sobre D. José Francisco Miguel António de Mendonça (ou Mendonça) (1725-1808), cf. Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, nova edição, dir. Damião Peres, Porto-Lisboa: Livraria Civilização-Editora, 1970, vol. 3, p. 555.

Quando D. José de Mendonça faleceu já a cidade estava sob o domínio de Junot, na 1.<sup>a</sup> invasão francesa (1807-1808). A corte portuguesa estava no Brasil e Lisboa só teve novo patriarca em 1818: D. Carlos da Cunha e Meneses, que faleceria em 1825, já depois da revolução liberal, com a qual sofreria aliás um temporário desterro. Em 1826 foi nomeado para lhe suceder D. Frei Patrício da Silva, que faleceria em 1840, tendo mantido um relacionamento mais distendido com os diferentes governos que conheceu<sup>2</sup>.

De 1825 temos um sugestivo relato da missão em Alcântara, então arredor de Lisboa, realizada pelos religiosos da Congregação da Missão (também conhecidos por vicentinos e lazaristas). Três décadas depois, as apreciações não divergem do que escrevera o patriarca Mendonça na referida pastoral. Diz-nos, com efeito, o relato da missão vicentina em Alcântara: «A 3 de Maio de 1825 principiou a missão na freguesia de S. Pedro Apóstolo no bairro de Alcântara, contíguo a esta cidade de Lisboa. [...] Foi frouxa no concurso às pregações e ao confessionário, principalmente homens, porque vieram raros ainda nos dias festivos. [...] Os inimigos da verdade puseram muitas contradições: os pusilânimes consentiam nas tentações, os fortes resistiam e animavam os outros. Geralmente falando muitas almas se aproveitaram, mas sempre menos que nas aldeias»<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Sobre estes dois prelados, cf. *ibidem*, pp. 555-556.

<sup>3</sup> *Missões dos Padres da Congregação Missão da Casa de Lisboa (1747-1833)*. Transcrição manuscrita de Padre Bráulio Guimarães, pp. 246-247. Sobre as missões populares da época moderna, entre meados do século XVI e o final do Antigo Regime, cf. Eugénio Francisco dos SANTOS, «Missões do interior», in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, dir. Carlos Moreira Azevedo, Mem Martins: Círculo de Leitores, 2001, vol. 2, pp. 121-231. Com a respectiva apreciação geral, sobre os condicionalismos da missão, entre a possível intenção dos missionários e a religiosidade popular persistente: «Que cristianismo difundiam os missionários? O dos teólogos e dos moralistas eruditos, isto é, uma religião coerente, bem estruturada, sem brechas? Ou faziam por erradicar até ao mais íntimo crenças e hábitos ancestrais, tentando aculturar o mais possível, mas aceitando certas condicionantes do mesmo meio, isto é, transigindo com uma religião de cerimónia e ostentação, de poder, de constrangimento e repressão? Em meu entender, era esta última hipótese que se verificava. Tudo se passava como se os missionários assimilassem e transigissem com um mal menor, com práticas que se lhes impunham com toda a evidência. Melhorar, atrair à religião do espírito e verdade, sim; mas na medida do possível. Era preciso ser realista» (pp. 230-231). Cf. ainda Manuel CLEMENTE, «Motivos tridentinos da nossa religiosidade popular: a pregação de Frei António das Chagas [...]», *Studium Generale. Estudos Contemporâneos* 6 (1984) 61-74; ou IDEM, *História e religião em Torres Vedras*, Lisboa: Grifo, 2004, p. 87ss.

A constatação é clara: poucos homens, oposição sensível, menos adesão que no campo. A cidade afastava-se da religião tradicional e unânime. E nunca mais voltou a coincidir com ela, se é que alguma vez tal acontecera realmente<sup>4</sup>.

Em 1843 fundou-se em Lisboa a *Sociedade Católica Promotora da Moral Evangélica em toda a Monarquia Portuguesa* – também chamada *Associação Católica* –, que tinha entre os seus objectivos a organização de missões populares, começando logo pela capital<sup>5</sup>. A iniciativa seria predominantemente laical, ainda que integrasse vários clérigos. Mas tal característica levantou dúvidas e reparos, partilhados pelo próprio prelado lisbonense, na altura o Cardeal Saraiva, que, aliás, a autorizara. Em carta a um sobrinho, de 1 de Abril de 1843, escrevia assim: «Já te disse que da parte dela [a *Associação* ou *Sociedade Católica*] me pediram o meu consentimento para abrir missão em Lisboa, ao que prontamente anuí. Ontem me vinham pedir licença para que a missão começasse pela Igreja de S. Vicente de Fora. Respondi redondamente que tal licença não dava, pois se escandalizaria a Catedral, e outras Igrejas de Lisboa, mais graduadas, mais antigas e mais veneráveis, e ao mesmo tempo mais cómodas e centrais para a concorrência do povo. – Esta gente vê a inconveniência de se mostrar independente do poder eclesiástico, e quer salvar ao menos as aparências e eu duro como um mármore!»<sup>6</sup>.

O distanciamento do patriarca era notório, apesar da aceitação formal da iniciativa. Não a desautorizando, desconfiava dela

---

<sup>4</sup> Ainda em meados do séc. XIX, na primeira edição da sua *Missão abreviada*, certamente a obra mais divulgada depois em Portugal, para «despertar os descuidados, converter os pecadores e sustentar o fruto das missões», o Padre Manuel Couto esclarecia: «É destinado este livro para fazer oração, e instruções ao povo, particularmente povo de aldeia» (Manuel José Gonçalves COUTO, *Missão abreviada*, Porto: Sebastião José Pereira, 1859, p. 3. Cf. Alberto Osório de CASTRO, *A «Missão Abreviada» do Padre Manuel Couto Um abeiramento contextualizado*, Chaves: Grupo Cultural Aequae Flaviae, 2002).

<sup>5</sup> Cf. Manuel CLEMENTE, *Nas origens de apostolado contemporâneo em Portugal. A «Sociedade Católica» (1843-1853)*, Braga: Universidade Católica Portuguesa, 1993; IDEM, «Sociedade Católica», in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, dir. Carlos Moreira Azevedo, Mem Martins: Círculo de Leitores, 2000, vol. 4, pp. 254-255; IDEM, *Igreja e Sociedade Portuguesa do Liberalismo à República*, Lisboa: Grifo, 2002, p. 171ss.

<sup>6</sup> Patriarcado de Lisboa. Cartas do Cardeal Saraiva. Manuscritas. Transcrição in Manuel CLEMENTE, *Nas origens*, p. 289. D. Frei Francisco de São Luís Saraiva, esteve à frente do Patriarcado de Lisboa de 1840 a 1845, ano em que faleceu. Cf. Fortunato de ALMEIDA, *História*, pp. 556-557 e Manuel CLEMENTE, «O Cardeal Saraiva, Patriarca de Lisboa», *Presença de Singeverga* 67 (Abril 2004) 16-21.

quer quanto à intenção quer quanto à competência. Quanto à intenção, porque em tempos ainda inseguros do regime constitucional, o legitimismo dalguns dos seus componentes – a par doutros indiscutivelmente afectos ao regime que triunfara em 1834 – lhe levantaria dúvidas, a ele que sofrera perseguições e exílios da parte dos miguelistas. Também achava indiscreta a ideia de começar as missões em S. Vicente de Fora, precisamente onde morava, como se quisessem escudar-se com a sua autoridade para algo que, afinal, não aceitava bem. E, mais doutrinariamente, entendia que tais iniciativas deviam ser estritamente hierárquicas, não competindo a leigos lançar missões e preparar missionários, como de algum modo pretenderia a Sociedade Católica. Razão esta que expressou a um eclesiástico, em carta de 26 de Abril desse mesmo ano de 1843, dando-lhe motivos para não aderir a ela: «Pode também dizer [a quem o convidara] que sendo a Igreja Católica uma Sociedade divinamente instituída debaixo do regímen dos Pastores de primeira e segunda ordem [isto é, dos bispos e presbíteros], e dirigida por Leis Sagradas e canónicas, lhe não parece justo nem conveniente, que pessoas Leigas, destituídas de missão legítima, se intrometam naquilo que é privativo da Autoridade Eclesiástica, e queiram ter parte no governo e administração pública da Igreja, em pontos tão substanciais como são todos os que pertencem à pregação, e ensino das doutrinas religiosas, etc.»<sup>7</sup>.

As missões realizaram-se mesmo, promovidas pela *Sociedade Católica*, que nunca deixou de repetir a sua inteira submissão hierárquica. A 4 de Junho de 1843 começou uma em S. Roque, lugar de grande devoção no catolicismo lisboeta da altura. Os pregadores eram religiosos egressos e experientes: o Padre José António de Magalhães, vicentino, e os franciscanos Frei Bernardino da Virgem Santíssima e Frei Joaquim do Espírito Santo. O *Jornal da Sociedade Católica* não lhes poupou elogios: «Os varões Apostólicos que anuindo ao convite da Sociedade, fizeram tão importante serviço a Deus e ao próximo, foram incansáveis em seu santo ministério». E especificava: «Que se não poderia dizer das imensas confissões, das imensas obras de religiosa piedade que se praticaram, em todo o tempo que duraram estas missões?». Mais convertidos pela pregação e pela confissão, os fiéis chegaram ao dia da comunhão geral, 9 de Julho. Na Missa comungaram «mais de 500 pessoas», além das que já o tinham feito de manhãzinha. E o autor da notícia sublinha

---

<sup>7</sup> In Manuel CLEMENTE, *Nas origens*, p. 290. Cf. IDEM, *O Cardeal Saraiva*, p. 21.

quer a piedade quer a pluralidade dos participantes: «era o recolhimento, era o fervor que se via em todas as pessoas de tão diversas condições, idades, e circunstâncias, que tiveram a ventura de receber o Senhor em seu seio». Pretendendo-se uma autêntica reiniciação cristã, a missão culminou com a profissão de fé e o Crisma: «às cinco horas da tarde [desse mesmo dia 9 de Julho] uma prática de acção de graças, a renovação feita em voz alta pelo povo dos protestos do Baptismo, e outros actos próprios da solenidade do dia, fizeram a impressão mais profunda em todos os assistentes»; e «a 11, na mesma Igreja das missões, e em geral preparadas por elas, mais de 700 pessoas receberam o Sacramento da confirmação, que lhes foi administrado pelo Ex.mo e R.mo Snr. Bispo de Cabo Verde, Presidente da Sociedade»<sup>8</sup>.

A 3 de Novembro de 1844 a Sociedade Católica começou nova missão em Lisboa, desta vez em S. Nicolau, mais central ainda, em plena Baixa. O esquema foi o mesmo de S. Roque. Sabemos desta vez que os pregadores – os padres José Constantino Alves do Vale, director da missão, José Maria Ferrão, capelão do mosteiro de Chelas, Gregório de Sales Pinto, capelão da Santa Casa da Misericórdia, José do Menino Jesus, confundador da *Sociedade Católica* e Francisco do Rosário e Melo, pároco de S. Nicolau - fizeram no decurso dos dias «longos, mas nunca fastidiosos discursos, nos quais se lhes não ouviu uma só palavra frívola, um caso destituído de veracidade, ou uma expressão alheia da doutrina evangélica»<sup>9</sup>. Ficamos também a saber que houve um «prodigioso número de pessoas mesmo de terras muito distantes da Cidade, que concorreram ao Santo Tribunal da penitência, para fazerem confissões gerais»<sup>10</sup>. E que, para a comunhão geral, a 6 de Dezembro, se apresentaram perto de quatrocentas pessoas, tendo outras comungado nas igrejas vizinhas. No dia seguinte crismaram-se cerca de seiscentas<sup>11</sup>.

Nesta última missão, o jornal acentua ainda mais o carácter exclusivamente religioso e «popular» da iniciativa e dos participantes. Num regime político de cidadãos, de alegado nivelamento, sobressaía uma Igreja de todos para todos, em conversão sincera: «Este [o povo] concorreu cada vez mais numeroso sem outro atrac-

---

<sup>8</sup> *Jornal da Sociedade Católica*, 12 de Julho de 1843, p. 165. Cf. Manuel CLEMENTE, *Nas origens*, pp. 104-105.

<sup>9</sup> *Jornal da Sociedade Católica*, Dezembro de 1844, p. CCLXII.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. CCLXIII.

<sup>11</sup> Cf. *ibidem*, pp. CCLXIII-CCLXIV.

tivo, que o empenho de escutar a palavra divina. Não foi atraído pela nobreza; porque esta, disfarçando sua alta jerarquia, se confundia com o mesmo povo. Não foi atraído tão pouco pelas dignidades; porque estas, recusando ocupar os lugares mais reservados não deram azo a distinguir-se. Não foi atraído enfim pelos ricos; porque não luzindo aqui a ostentação, tudo era só povo»<sup>12</sup>.

Três notas ainda, sobre esta missão na Baixa lisboeta em 1844. A primeira sobre o temário e o estilo das pregações, bom índice do que se pretendia anunciar à cidade e do modo escolhido para o fazer. O Padre José Constantino Alves falara tanto ao entendimento como ao coração dos ouvintes, convencendo aquele e compungindo este, garante-nos a notícia. O Padre José Maria Ferrão conseguira «conduzi-los à penitência». O Padre Gregório de Sales Pinto levou-os à oração, pelo «seu estilo patético, e mavioso». Mais incisivos foram Frei José do Menino Jesus, que «investiu o ímpio» e o Padre Francisco do Rosário e Melo, que falou para «impugnar o incrédulo e o mau Cristão»<sup>13</sup>. A segunda nota salienta a dimensão estética da missão que, além da referida oratória e da liturgia, recorrera à herança musical de Frei José de Santa Rita Marques e Silva (c. 1870-1837), interpretando um *Te Deum* deste antigo professor do Seminário Patriarcal<sup>14</sup>. A terceira refere a relevância social das missões, que tanto elevavam o espírito como construiriam decerto a cidade. O Padre Francisco do Rosário e Melo não tinha dúvidas neste ponto: «persuado-me, haver-se prestado um grande serviço ao Estado, e à Sociedade; porque dirigindo-se ela a formar bons cristãos, os bons cristãos serão sempre por uma consequência legítima bons súbditos, e bons cidadãos»<sup>15</sup>.

Diga-se, em boa verdade, que tal consequência já estava longe de ser tão linearmente aceite, sobretudo se bom cidadão e católico praticante quisessem dizer o mesmo e sempre. No rescaldo das lutas

---

<sup>12</sup> *Ibidem*, CCLXII. E o pároco, Francisco do Rosário e Melo, autor da notícia, acrescentava com alívio, revelando-nos as dificuldades normalmente sentidas pelos crentes da capital: «O inconveniente que me feria o coração, e que eu me propunha remediar de modo oportuno e prudente, era o péssimo, e execrando costume dos mancebos dissolutos formarem alas apertadas às portas dos Templos, por entre as quais são compelidas a passar na saída do Santuário as pessoas de diferente sexo, e a escutar ditérios, mofas, e expressões destituídas de modéstia, e decência; mas felizmente não teve lugar durante a Missão tão frequente e escandaloso abuso, com que muito se lisonjeou o meu espírito».

<sup>13</sup> Cf. *ibidem*, p. CCLXII-CCLXIII.

<sup>14</sup> Cf. *ibidem*, p. CCLXIV.

<sup>15</sup> *Ibidem*.

entre liberais e absolutistas, em que a crença religiosa tanto fora inspiração como pretexto, de parte a parte, não faltavam já os que preferiam mais distanciamento entre a crença e a política, a religião e a sociedade. Para estes, iniciativas missionárias na cidade com tanto protagonismo de clérigos e antigos frades só podiam levantar suspeitas. Com o avanço do século, as dificuldades cresceram neste ponto, tornando-se cada vez mais difícil e melindrosa qualquer manifestação desse género. A partir de meados de Oitocentos, a missão urbana praticamente desapareceria.

Com as devidas adaptações, cabe recolher aqui a análise da piedade espanhola da altura. Baldomero Jiménez Duque define-a como a) doutrinalmente pobre, sobretudo negativa e preponderantemente moralizante; b) individualista; c) devocional; d) activa e prática, caritativa; e) romântica, sentimental<sup>16</sup>. E lembrar que, durante a «Restauração» em França (1815-1830) as missões populares adquiriram uma nova feição, não isenta de conotações políticas. Aproveitemos dum trabalho recente: «Com a Restauração, [...] as missões integraram-se na vasta ofensiva de reconquista dos espíritos, empreendida conjuntamente pelo clero e os monárquicos. [...] Por outro lado, representam uma operação de grande envergadura, conduzida sistematicamente, planificada, tentando chegar a pouco e pouco a todas as aldeias, vilas e cidades. Empreendimento de longa duração, conduzida a nível nacional por uma sociedade especialmente constituída para o efeito [...]. Finalmente – uma novidade em relação ao século XVIII – a missão já não se resumia a uma cura terapêutica momentânea; tornou-se um ponto de partida para o estabelecimento de estruturas permanentes de enquadramento de leigos, associações de jovens ou adultos [...], anunciando as organizações especializadas da Acção Católica do século XX»<sup>17</sup>. Mas acrescentamos também que nas missões da Sociedade Católica houve grande cuidado em afastar qualquer conexão partidária, miguelista ou outra. E que as outras duas notas, a do âmbito nacional e sistemático e a do incremento associativo católico e até especializado, com significativa participação laical, estas sim, estavam presentes na intenção dos seus mentores.

---

<sup>16</sup> Cf. *Historia de la Iglesia en España*, dir. R. Garcia Villoslada, Madrid: BAC Maior, 1979, vol. 5, pp. 413-415.

<sup>17</sup> Cf. Gaston BORDET, *La Grande Mission de Besançon. Janvier-février 1825. Une fête contre-révolutionnaire néo-baroque ou ordinaire?*, Paris: Les Éditions du Cerf, 1998, p. 39.

O certo é que, quanto a Lisboa, as missões em larga escala teriam de esperar muito tempo, pelas razões indicadas acima<sup>18</sup>. E as iniciativas apostólicas, quando possíveis, tiveram outras concretizações. Uma das mais criativas foi certamente protagonizada pelos vicentinos ou lazaristas franceses, que, à sombra da respectiva embaixada, persistiam em Lisboa. A igreja de S. Luís dos Franceses, bem localizada às Portas de Santo Antão, foi, por isso mesmo, um importante núcleo de catolicismo na capital durante a segunda metade do século XIX, aparecendo quase como uma missão permanente de considerável irradiação. É significativo o testemunho do respectivo superior, o Padre Miel, em carta de 14 de Dezembro de 1881: «A igreja de S. Luís está em boa situação. Os ofícios têm produzido bom efeito nas paróquias: as práticas, catecismos, primeiras comunhões, reuniões das várias associações com os seus dias de comunhão geral, as confissões de todos os dias, e nomeadamente as da Quaresma que atraem em grande número os camponeses que vêm de quatro ou cinco léguas, fazem da nossa igreja, sobretudo desde os Santos até Junho, uma missão permanente»<sup>19</sup>.

Este trecho do Padre Miel indicia ainda outro facto: o de ser na normalidade possível das comunidades remanescentes que as propostas evangélicas subsistiriam quase só, a partir de meados de Oitocentos. Podemos até adiantar que o quadro não se alteraria neste aspecto até aos nossos dias, embora mudasse bastante o ambiente externo, que, a partir de meados do século XX, oscilou mais entre o receptivo e o indiferente, longe já das grandes clivagens sócio-culturais e religiosas que perturbaram a vida da capital entre o final da Monarquia e a 1.<sup>a</sup> República. Adiantemos ainda que as comunidades cristãs, na sua normalidade parenética, celebrativa e caritativa acabaram por se reencontrar como a base permanente da missão que, afinal, as identifica como autenticamente cristãs. A pouco e pouco, a missão urbana vai acontecendo mais como projecção da comunidade cristã no seu todo do que como tarefa específica de especialistas que, aliás, não perderão papel nem lugar.

Mas este breve excurso não nos afasta dalguma observação mais detalhada do que se passou entretanto, ainda que, a partir deste

---

<sup>18</sup> Cf. para todo o período e respectivas condicionantes no tocante à missão e evangelização internas, Manuel CLEMENTE, «A vitalidade religiosa do catolicismo português: do Liberalismo à República», in *História Religiosa de Portugal*, dir. Carlos Moreira Azevedo, Mem Martins: Círculo de Leitores, 2002, vol. 3, pp. 65-127.

<sup>19</sup> In Bráulio GUIMARÃES, *Apontamentos para a história da Província Portuguesa da Congregação da Missão*, Lisboa, 1961, 4.<sup>a</sup> parte, p. 106. Texto dactilografado.

ponto, as afirmações sejam muito provisórias. Diga-se então que o modelo missionário urbano, quando quis recuperar as iniciativas congêneres da época pré-liberal, se tornou cada vez mais impróprio. A missão antiga visava reconstituir ciclicamente uma totalidade sócio-cultural «cristã», nunca absolutamente garantida, mas também nunca idealmente abandonada. A cidade contemporânea não parece desejar já tal unanimidade, defendendo mais as escolhas de cada um do que as verdades tradicionais e colectivas, religiosas ou outras. E se, até à última guerra mundial, ainda procurou ideologias de substituição que desempenhassem laicamente o papel agregador dos antigos credos, de então para cá foi desistindo de tal desiderato, deixando ao indivíduo a busca dos sentidos possíveis.

Dum modo geral e neste enquadramento, a vida religiosa de Lisboa chegaria ao princípio do século passado muito mais confinada e diluída. E, nessa altura, estava-se ainda longe de contar com suficientes comunidades cristãs disponíveis e abertas para, ao menos aí, se ouvir facilmente a proposta evangélica. Continuam sugestivas as observações de Gomes dos Santos, convertido e militante, em 1906: «Talvez seja o nosso o único país oficialmente católico onde os templos se conservam abertos durante as primeiras horas da manhã. Do meio-dia em diante encarcera-se Deus, isolando-o dos fiéis; não se admite que depois dessa hora haja necessidade de entrar num templo, para satisfação de qualquer necessidade espiritual. [...] Na capital, com excepção de algumas capelas pertencentes a ordens religiosas, ao dia de semana ninguém vai à igreja; ao domingo a concorrência é fraca e nunca se vêem homens. [...] Este indicador elementar da vida religiosa dum país – a frequência dos templos – traduz para nós resultados desanimadores. Não surpreende esse registo. Dos cinco milhões de católicos que se atribuem a Portugal, nem um décimo são católicos práticos»<sup>20</sup>.

E, se não praticavam por si, muito menos o proporiavam aos outros. A preocupação missionária e urbana dos fundadores da *Sociedade Católica*, que, apesar de tudo, levava à realização das missões de 1843 e 1844 em Lisboa, não teria paralelo no fim do século, princípios do seguinte. Também o ambiente era muito menos propício, como já se disse: quando em 1895, por exemplo, se tentou comemorar o sétimo centenário do nascimento de Santo António

---

<sup>20</sup> Gomes dos SANTOS, *O catolicismo em Portugal*, Póvoa de Varzim: Livraria Povoense Editora, 1906, pp. 24-25.

com um congresso internacional e uma procissão pública, a oposição anti-católica foi imediatamente forte e agressiva<sup>21</sup>.

Disponho de alguns relatórios de missões realizadas no Patriarcado nos anos vinte e trinta do século XX. Quase todas se desenrolam em meio rural e na província. Poucas se abeiram da capital. Entre vinte missões pregadas no Patriarcado em 1931 e 1932 pelo Padre José Vicente Morgado, jesuíta, há uma nos Olivais, em Outubro de 1931, assim apreciada: «Pouca concorrência. Poucos homens se confessaram; mulheres umas 100. Catecismo diminuto». Logo a seguir vem um simples «idem», para a missão pregada em Algés pelo mesmo sacerdote, em Novembro. Em Junho de 1932, o Padre Morgado tentou fazer uma missão em Sacavém; a apreciação vem nos seguintes termos: «Concorrência diminuta. Quase todas as noites, a missão foi hostilizada pelos operários [...]». O mesmo livro de que tiro estas observações sucintas inclui relatórios dos párocos das freguesias missionadas. Alguns são mais desenvolvidos, como é o caso do assinado pelo Padre António Duarte Patuleia, sobre a de Algés, acima referida e afinal melhor do que parecia. Escreve o seguinte: «Depois da missão verifiquei que a Missa Dominical é bastante concorrida, sendo a Capela insuficiente para o povo satisfazer o preceito. A concorrência às Missas Semanais é consoladora e as comunhões diárias regulam por 20 a 30. Nas primeiras sextas-feiras há cerca de 150 comunhões. Isto só em Algés. No Dafundo e Cruz Quebrada lugares que beneficiaram da Missão há também os frutos consoladores [...]». Já o relatório do pároco de Sacavém, Padre João Pereira Rodrigues Castilho, comenta desoladamente a missão de Junho de 1932, também acima referida: os frutos foram « nenhuns»; a concorrência fora «pouca»; as confissões e comunhões não ultrapassaram as dez; os casamentos e baptizados ficaram-se pelos oito; e, sobretudo, «a Santa Missão foi interrompida devido aos desacatos perpetrados na Ermida e, por tal motivo, está um processo correndo no Tribunal da Boa Hora»<sup>22</sup>.

---

<sup>21</sup> C. Manuel CLEMENTE, *Igreja e Sociedade*, p. 375ss.

<sup>22</sup> Cf. *Missões realizadas no Patriarcado nos anos de 1928-1929-1930-1931-1932*. Livro dactilografado e manuscrito. Num livro idêntico de que disponho, *Missões com Visita em 1934*, nenhuma se desenrola em Lisboa. Organizadas pelo Patriarcado, ou combinadas entre párocos e congregações religiosas mais vocacionadas para tal, continuaram as missões populares, século adiante, havendo várias notícias delas nas publicações diocesanas e locais. Mas, genericamente, mantenho o que disse, de serem sobretudo rurais e de província, na geografia e no espírito: um grupo de missionários, seculares ou religiosos, a partir duma paróquia situada e definida, desenvolvia uma série de acções catequéticas, devocionais e sacramentais, visando a regulari-

De tempos a tempos, já na segunda metade do século XX, alguma freguesia da cidade era tocada pela missão. E, conflitos à parte, os relatórios não são substancialmente muito distintos dos que lemos trinta e quarenta anos atrás. Valha o exemplo das missões pregadas pelos Capuchinhos na capital. De 8 a 17 de Dezembro de 1950, missionaram na paróquia da Encarnação: fizeram-se 14 batismos de adultos e 25 primeiras comunhões de adultos, legitimando-se ainda 13 casamentos<sup>23</sup>. Elucidativo é sobretudo o «Inquérito de consciência» preparatório da missão que se realizou na paróquia de S. Vicente de Paulo, também em Lisboa, de 29 de Abril a 13 de Maio de 1962. A freguesia tinha 2500 fogos e entre 12 e 14 mil pessoas. A maior parte vinha do Norte, perdendo a prática, ao menos temporariamente, ao chegar a Lisboa. Na maioria, os homens eram serventes nas obras, pedreiros e carpinteiros. Poucas famílias ricas, sem influência no «povo». Promiscuidade por falta de habitação condigna, frequência das tabernas, descuido da educação dos filhos. Ainda se «desobrigavam» na Quaresma uns 20%; 60 a 70% das crianças frequentavam a catequese, 8 a 10% dos adultos cumpriam o preceito dominical. Como «obras de piedade», havia o Apostolado da Oração e as Filhas de Maria. Muitas famílias ilegalmente constituídas, batismos de quase todos (250 por ano), grande deficit educativo, apesar das três escolas e do professorado ser «bom». A última missão, já pouco lembrada, fora em 1953. Previa-se que os missionários iam encontrar um ambiente «discretamente favorável». E, como «observações finais», o pároco ainda acrescentava e sugeria aos missionários: «O que foi dito refere-se à maioria; os praticantes – 8-10% – vivem discretamente bem a sua vida cristã e cuidam da educação cristã das crianças. Há, especialmente nos homens, muito respeito humano e não é fácil persuadi-los de ir à

---

zação da vida cristã e o regresso à prática. A renovação conciliar traria outro tipo de iniciativas missionárias, designadamente envolvendo famílias e respectivos lares como locais de encontro missionário, mas pouco na capital (cf. Acácio SANCHES, *As Missões Populares da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos em Portugal (1940-1982). Teologia e Pastoral*. Dissertação de mestrado em Teologia Sistemática, dactilografada. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2001). Sobre a problemática geral da religiosidade e da evangelização na cidade contemporânea, cf., entre muitos outros, dois títulos recentes: *O Espírito na cidade*, Semana de Estudos Teológicos, Faculdade de Teologia de Lisboa, Lisboa: Paulinas, 2005. Alfredo TEIXEIRA, *Entre a exigência e a ternura. Uma antropologia do habitat institucional católico*, Lisboa: Paulinas, 2005.

<sup>23</sup> Acácio SANCHES, *As Missões Populares*, p. 128.

igreja para assistir às práticas: convém ligar o microfone com salas de Clubs, pelo menos no princípio, ou encontrar outro meio»<sup>24</sup>.

Significativo, este alvitre do pároco sobre os novos meios de difusão, capazes de alcançarem os que não viriam aos lugares de culto. Significativa ainda a referência à pouca memória da missão anterior. Ou seja, a evangelização urbana requeria uma continuidade e expansão que os agentes, os meios e as localizações tradicionais dificilmente garantiam só por si. Foram tais constatações, juntamente com uma eclesiologia renovada, que levaram a redescobrir a comunidade cristã no seu todo como agente global da missão e a adiantarem-se pessoas e grupos para as ruas e locais de toda a gente, como sinal e convite de comunhão, à luz de Cristo, (re)descoberto como presença viva e vivificante, para cada meio sócio-cultural. «Ruas e locais» que tanto podem ser topográficos, como radiofónicos, televisivos ou informáticos. A comunidade como agente, a proposta de comunhão com Cristo como conteúdo e objectivo, a comunicação tecnologicamente alargada como meio, assim se vai definindo a missão urbana no século XXI.

Termino com o pequeno relatório duma missão em Lisboa, realizada há pouco pela «Legião de Maria» da paróquia de S. João de Deus: «Esta Jornada [Apostólica] teve a participação de 120 legionários. Ao longo do dia, 40 estiveram em oração, na Igreja, enquanto 16 faziam acolhimento às portas da Igreja e os restantes faziam os contactos na rua. [...] Distribuíram-se 3500 mensagens dirigidas aos adultos e 1500 dirigidas aos jovens. [...] Ofereceram-se 1650 Evangelhos de S. Marcos»<sup>25</sup>. O que se fazia no templo, passa a fazer-se também na rua; a argumentação dos pregadores, passa a ser também diálogo de cristãos comuns, com quem passar; um exemplar do Evangelho recebido continuará tal diálogo depois... Uma entre muitas histórias de «missão na cidade», cada vez mais protagonizadas por paróquias, grupos e movimentos<sup>26</sup>.

D. MANUEL CLEMENTE

---

<sup>24</sup> Cf. *ibidem*, pp. 258-259. Acácio Sanches conclui da análise de muitos relatórios de missões, quase todas na província, que «as Missões Populares deixavam atrás de si, as Paróquias renovadas. Os fiéis recuperavam os princípios cristãos, enchiam as igrejas na Eucaristia dominical e tornavam-se assíduos aos actos de piedade públicos e individuais. Por sua vez, os Párocos sentiam-se mais entusiasmados no ministério, desejosos de não ver enfraquecida a chama ateadada pelos missionários» (*ibidem*, p. 130).

<sup>25</sup> Relatório da «Jornada Apostólica» da Legião de Maria na paróquia de S. João de Deus. Lisboa, 15 de Outubro de 2004, dactilografado.

<sup>26</sup> Cf. Congresso Internacional para a Nova Evangelização (ICNE), Grupo de Trabalho para a Missão na Cidade, *Mil Acções para a Missão na Cidade*, Lisboa, 2005.